

A construção de sentido de um enunciado pela Teoria da Relevância: uma abordagem do significado na interface semântico/pragmática

Elizabeth Kuczynski Nunes¹

Resumo

A Teoria da Relevância (TR) de Sperber e Wilson é um modelo complexo de comunicação e cognição. O presente artigo tem três objetivos centrais: apresentar, historicamente, alguns pressupostos importantes que servem de base para a construção de sentido na TR; refletir sobre o fenômeno acerca do significado e sua contextualização na interface semântico/pragmática, bem como apresentar os princípios básicos da TR; e, por último, demonstrar a potencialidade da TR como um modelo ostensivo-inferencial apropriado na construção de sentido de um texto com letras e números que foi publicado em zh.clicrbs.com.br (website de um jornal local), à medida que se ilustra o funcionamento do mecanismo dedutivo humano de dois tipos diferentes de leitores. Dessa forma, pela leitura e compreensão do enunciado, apresentam-se suposições e inferências resultantes das entradas enciclopédicas (formação de hipóteses), da dedução (confirmação ou rejeição das hipóteses) e dos conceitos (informações novas e antigas) presentes no ambiente cognitivo.

Palavras-chave: Teoria da Relevância. Significado. Interface semântico/pragmática.

Abstract

Sperber and Wilson's Relevance Theory (RT) is a complex model of communication and cognition. This present article has three main objectives: to present some important assumptions that underpin the issues related to the construction of meaning in RT; to reflect on the phenomenon of the meaning and its context in the semantic/pragmatic interface, showing the basic principles of RT; and finally, to demonstrate the potentiality of RT such as an appropriate ostensive-inferencial model for the construction of meaning of a text with letters and numbers which was published in zh.clicrbs.com.br (in the website of a local newspaper), since it has illustrated the operation of the human deductive mechanism of two different types of readers. Thus, it is presented, by reading and understanding the statement, suppositions and inferences resulting from the encyclopaedic entries (hypotheses formation), from deduction (hypotheses confirmation or rejection) and from concepts (new and old information) present in the cognitive environment.

Keywords: Relevance Theory. Meaning. Semantic/pragmatic interface.

¹ Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. Professora da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha (FETLSVC), Novo Hamburgo, RS e da Rede Municipal de São Leopoldo, São Leopoldo, RS. E-mail: eknunes@liberato.com.br
Artigo recebido em 29.05.2012 e aceito em 21.09.2012.

1 Introdução

Até o final do século XIX, não houve estudo linguístico rigorosamente científico no que diz respeito ao verdadeiro sentido da palavra *ciência* (MATTOSO CÂMARA, 1979; CARTONI, 2009). Somente a partir dessa época, a Linguística passou a definir e produzir seu objeto de estudo numa construção intrateórica dentro da Filosofia da Linguagem. Em relação ao significado, o resultado foi a Linguística fragmentando-se em diversas direções para abordá-lo de várias formas (social, formal e natural).

Diante da diversidade metodológica, para explicar os fenômenos linguísticos e cognitivos, o presente artigo baseia-se nos fundamentos da Metateoria das Interfaces (COSTA, 2007; COSTA; FELTES, 2010) e nas reflexões desenvolvidas por Silveira; Feltes (2002); Costa (2008); Nazário (2011) e outros, para construir uma interface interna entre Semântica e Pragmática. Como não poderia deixar de ser, discutem-se pressupostos relacionados à Teoria da Relevância (TR) de Dan Sperber e Deirdre Wilson (1986, 1995), pois, há mais de vinte anos, os autores têm uma abordagem interessante e bem sucedida para o trabalho em interfaces (COSTA, 2008, p. 10).

A organização deste trabalho acontece por três partes. Na primeira parte, faz-se uma retrospectiva histórica das principais investigações sobre a natureza do significado em linguagem natural. Na segunda, mencionam-se pontos da teoria de Sperber e Wilson (1986 e 1995), doravante denominados SW, em sua obra *Relevance: Communication and Cognition* cujo aporte teórico, em muitos aspectos, está em Grice (1957/1975 e 1967/1989). Na terceira parte, comenta-se sobre o significado na interface semântico/pragmática e aplica-se a TR a um texto composto de letras e números, publicado na seção Globaltech 3 em zh.clicrbs.com.br de 04 de setembro de 2006, intercalando-se as contribuições dedutivo-

inferenciais que, por hipótese, são realizadas pelo processamento cognitivo de dois tipos diferentes de leitores. Para tanto, partimos da hipótese inicial de que o caráter descritivo e explanatório da Teoria da Relevância (TR) contribui positivamente para explicar a construção de sentido como uma capacidade cognitiva do leitor ao ler um texto com letras e números.

2 Um breve panorama histórico

Nos últimos cinquenta anos, as investigações lógico-linguístico-filosóficas sobre a natureza do significado em linguagem natural têm envolvido muitos linguistas. Em relação ao estudo do significado, essa diversidade de reflexões filosóficas e o questionamento das bases epistemológicas evidenciam três áreas distintas: social, formal e natural. Na área social, o significado passa a ser construído histórico e socialmente pela concepção de língua (SAUSSURE, 1973); na formal, a construção de sentido se dá na correspondência com a forma lógica, pois há igualdade entre a semântica das línguas naturais e a das artificiais (MONTAGUE, 1974); e, na natural, a linguagem é propriedade do cérebro, e tudo que é semântica é sintaxe, ou seja, pensamento e expressão estão associados (CHOMSKY, 1995). Num quadro de origens modernas da abordagem do significado, surge a Metateoria das Interfaces que possibilita a aproximação de aspectos técnicos, metodológicos e a intersecção de objetos comuns a diversas áreas das Ciências da Linguagem. Para Costa (2007) e Chaves (2010), a grande contribuição dessa proposta de investigação científica está na capacidade de articular o compromisso ontológico ao metodológico. E ainda, a Metateoria das Interfaces busca aproximar dois ou mais objetos de estudo pertencentes a áreas e subáreas diferentes em qualquer campo científico. Abordagem que se constitui como uma alternativa aos percursos teóricos cujos

objetivos são sistematizar as relações inter e intradisciplinares inerentes ao fazer pesquisa. O resultado é o surgimento de estudos de tendências teóricas, sustentadas por diferentes concepções e fundamentos na área da Linguística.

Dito isso, destacamos o trabalho de Grice (1957), em *Meaning*, que publica a diferença entre os conceitos de significação natural e não natural. O significado natural é o que incidentalmente se transmite, como, por exemplo, fumaça significa fogo; já o significado não natural é o que se comunica intencionalmente. Em 1967, em *Logic and Conversation*, Grice apresenta a Teoria das Implicaturas, defendendo a compreensão do significado por inferência, a partir de duas entradas de dados (*input*), que é o significado codificado linguisticamente e as suposições contextuais, onde ocorre a valorização do contexto para o processo interpretativo. Dessa forma, nos atos comunicativos, nem tudo é dito na forma convencional/literal, mas por fatores pragmáticos (implicaturas), por exercícios da razão e da imaginação. Assim, a linguagem é compreendida como um sistema com lógica perfeita, porém, não trivial, contrariando a lógica clássica formal.

Observa-se, então, que, na proposta griceana, o significado se apresenta sem determinação das condições de verdade (implicado), mas derivado e construído por meio de um raciocínio lógico e objetivo (dedutivo). Vale lembrar que Kuhn (1962), na época, já protagonizava um pré-paradigma de transição chamado Pragmática que versa sobre o uso do significado com base numa lógica que não segue os padrões formais de raciocínio.

Na sequência, Grice contribui com o seu Princípio Cooperativo e suas máximas conversacionais, a serem obedecidas ou violadas. Segundo o autor, o falante/escritor deve respeitar o Princípio da Cooperação, regido por máximas: 1- de Quantidade (a- faça sua contribuição tão informativa quanto é requerido; b-

não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido), 2- de Qualidade (a- não diga aquilo que você acredita ser falso; b- não diga aquilo para o qual você não dispõe de evidência adequada); 3- de Relação (a- seja relevante); 4- de Maneira (a- evite obscuridade de expressões; b- evite ambiguidade; c- seja breve; d- seja ordenado).

Com o objetivo de ampliar o trabalho griceano, quanto ao significado, pelo uso da lógica não trivial, Sperber e Wilson (1986 e 1995) partem da terceira máxima griceana, *seja relevante*, para dar origem a uma das mais recentes teorias da comunicação intitulada Teoria da Relevância (TR). Assim, por uma longa discussão teórica e metodológica, SW formulam dois princípios básicos da TR que são:

- a) "A cognição humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância."
- b) "Todo ato de comunicação ostensiva comunica a presunção de sua própria relevância ótima". (SW, 1995, p. 260).

O primeiro princípio está ligado às propriedades dos processos cognitivos do ser humano e se refere ao modo como os indivíduos produzem o significado das palavras num contexto comunicativo. Como a busca pela relevância é uma característica básica da cognição humana, o ouvinte/leitor direciona sua atenção a alguns estímulos e não a outros. Já o segundo princípio está ligado à maximização da relevância. Um indivíduo percebe algo como relevante, na medida em que houver equilíbrio entre esforço cognitivo para processamento de informação e os efeitos cognitivos conseguidos, implicando em graus de relevância. De outra forma, ao anunciar algo, o falante/escritor garante que seu enunciado é relevante para merecer a sua atenção, possibilitando que o ouvinte/leitor realize inferências. É importante destacar aqui que o uso dos pares escritor/leitor e falante/ouvinte (comunicação oral e escrita) encontra justificativa em Silveira

e Feltes (2002, p. 52) que descrevem o corolário do Princípio da Relevância de SW a todas as formas de comunicação.

Diante de tantas discussões sobre os fenômenos da linguagem, em especial as questões sobre significado, enfatizamos que debates sobre o assunto não param nas áreas de filosofia, da lógica e da linguística. Nos estudos de Costa (2008, p.11), encontramos que o cérebro/mente humano é constituído de inúmeras falhas. A cognição humana é constituída de incontáveis *kluges*, uma metáfora para artefatos de uso *ad hoc* e que teriam sido desenhados para outros fins. A habilidade da resolução de problemas está longe de ser um conjunto ordenado e sistêmico de operações lógicas. Sem radicalizar, podemos afirmar que a nossa linguagem, diferenciadora da espécie humana, vem carregada de ambiguidades, de vaguidades, de redundâncias. Se não fosse através da relevância, não conseguiríamos selecionar o que precisamos para entendermos até mesmo um simples diálogo. E ainda, se tivéssemos que percorrer todas as trilhas, pastas e arquivos para compreendermos uma piada, talvez não vivêssemos o tempo suficiente para rirmos dela.

3 O significado na interface semântico/pragmática

A semântica e a pragmática (subteorias linguísticas) travaram uma batalha metateórica em relação ao significado em nível de interface. A diferença entre essas duas abordagens está nos acarretamentos (Semântica) e nas implicaturas (Pragmática). Temos aí, uma Semântica de base lógica frege-russelliana e uma Pragmática de modelo griceano cujo ponto central é a intenção.

Essas duas teorias do significado possibilitam duas correntes de comunicação: o modelo semiótico e o modelo inferencial. No modelo semiótico, os aspectos linguísticos de comunicação são solucionados pela semântica das condições

de verdade, descrita pela representação de mundo ou pelas condições da proposição (verdadeira ou falsa). Nesses casos, a comunicação é compreendida como um conjunto de sinais e de mensagens relacionados por um código (gramática da língua). Há, nesse caso, uma relação arbitrária entre os sinais na comunicação (elocuições) e as mensagens (intenções/pensamentos), e a compreensão torna-se mera decodificação mecânica. No modelo inferencial, abordam-se inferências não demonstrativas que podem ser apenas corroboradas, mas não provadas. Tais inferências têm como base suposições.

Na prática, o encontro da semântica e da pragmática, mesmo nas melhores condições de comunicação, leva a um problema estrutural - um hiato entre a construção linguística do falante/escritor e a compreensão do ouvinte/leitor. Na abordagem semântica, o significado é analisado na interface interna com a lógica (Lógica Proposicional) e as pressuposições, em termos de acarretamento, tornando-se uma pré-condição para uma sentença ser verdadeira ou falsa. As pressuposições são consideradas informações fornecidas pelo falante/escritor e estão relacionadas ao contexto da situação, ao contrato dado-novo e ao conhecimento de mundo dos interlocutores; enquanto as inferências são produzidas pelo ouvinte/leitor. Nesse aspecto, o significado linguístico é delineado por aspectos dependentes do contexto na interpretação das elocuições, codificadas linguisticamente, com intenções não decodificadas, mas inferidas.

A produção do significado na interface semântico/pragmática é realizada pelo processamento cognitivo que permite construir suposições e inferências. Isso porque a interface contempla um significado independente de contexto, ao mesmo tempo em que há uma semântica de significado instável, dependente de contexto. Assim, veremos a seguir que, a produção de inferências e não mera decodificação pode ser validada pelo

caráter conciliatório da TR em nível de interface semântico/pragmática.

3.1 A relevância em Sperber e Wilson

A cognição humana é orientada pela relevância. A relevância é uma propriedade da cognição que não parte necessariamente do que é dito, mas de premissas e conclusões implicadas, disparadas de forma espontânea e inconsciente.

Ao prestar atenção a estímulos ostensivos, o ouvinte/leitor é capaz de desencadear um processo inferencial, centrado nos efeitos cognitivos e no esforço do processamento das informações. Se por um lado, advindo do comunicador, um estímulo torna manifesto um conjunto de suposições na intenção de informar e de alcançar os efeitos cognitivos mutuamente manifestos; por outro, o aspecto inferencial do receptor, possibilita a interpretação do enunciado por suposições e inferências. Diz-se, então, que a relevância está nas inferências alcançadas que se somam às suposições presentes no ambiente cognitivo, construindo o sentido do enunciado. A noção de relevância, por sua vez, é fundamentada na lógica dedutiva formal, que se liga à relação custo/benefício do processamento da informação carregado por uma presunção de relevância ótima.

Sob essa perspectiva, o raciocínio humano é considerado um sistema parcialmente dedutivo, porque ativa dois grandes sistemas: sistema de *input* (informações visuais, auditivas, linguísticas) e o sistema central (formação derivada de sistemas de *input* e da memória na realização de inferências). Nesse sentido, a cognição humana pode ser explicada por dois sistemas distintos: o primeiro, anterior à formulação de hipóteses, e o segundo, pela formulação de hipóteses interpretativas.

O primeiro sistema é constituído de regras lógicas formais, e o significado opera por cálculos triviais, demonstrativos,

comprováveis e livres de contexto. Para exemplificar a liberdade de contexto, por hipótese, temos: Se estiver chovendo, então cancelaremos o churrasco ($P \rightarrow Q$). Estava chovendo (P). Cancelamos o churrasco (Q). Já o segundo sistema, realiza-se com formação e confirmação das hipóteses construídas logicamente, e o significado é construído por um sistema dedutivo que conduz a conclusões não triviais pela produção de inferências espontâneas. Tais inferências são conclusões deduzidas automaticamente, porque, previamente, há a formação de hipóteses que favorece o processamento de suposições por meio de conceitos.

Os conceitos são uma espécie de rótulo ou endereço que aparece numa proposição, para tornar possível o acesso a informações de natureza lógica, enciclopédica e lexical. A busca por significado acontece por entradas lógicas que se realizam por regras interpretativas, do tipo eliminação do 'e' ('&') e *modus ponens*. As regras de eliminação são de caráter computacional e explicam como se passa das premissas às conclusões não triviais - inferências construídas durante o processamento. Assim sendo, como exemplo, temos o diálogo entre A e B, em que A diz: *Ana ficaria feliz se algum parente aparecesse*, B responde: *A mãe de Ana chegou*, e A retoma o diálogo: *Então, Ana vai ficar feliz* (SILVEIRA; FELTES, 2002).

No que tange às inferências não triviais, é bom reafirmar que, na teoria de SW, as inferências operam sobre as premissas ou sobre suposições factuais (julgamentos comparativos de confirmação). As premissas formam novas hipóteses interpretativas (parcialmente dedutivas) e as suposições auxiliam na construção de sentido do enunciado. As entradas enciclopédicas, ligadas a um conceito, acessam informações na memória. O significado acontece, quando há a formação de hipóteses interpretativas, produzindo efeitos cognitivos. Outro aspecto que favorece a busca por signifi-

cado é a entrada lexical. O léxico contém informações sintáticas e fonológicas e sua distinção contribui para a construção significativa da frase.

Em síntese, o papel do mecanismo dedutivo é gerar efeitos cognitivos para a construção de sentido de um enunciado. A proposta é de que a inferência é um processo cognitivo conceitual através do qual uma suposição é aceita. Uma suposição não é logicamente válida, porque pode não se combinar com premissas (como nas operações lógicas formais), mas operam sobre elas. Por um processo global, a inferência supõe a formação e confirmação de hipóteses, sendo que, a informação nova/dada no ato comunicativo interage com a informação pré-existente, gerando efeito cognitivos.

3.2 Os efeitos cognitivos e o esforço no processamento

A cognição humana tende a maximizar o ato comunicativo. A partir de um estímulo, quanto maior o número de informações/suposições produzidas por menor esforço, maiores são os efeitos cognitivos.

Uma suposição não é relevante por si mesma, mas por uma situação específica, podendo variar ao longo do tempo de indivíduo para indivíduo. Algumas suposições são mais evidentes que outras, com possibilidade de serem consideradas verdadeiras ou provavelmente verdadeiras, por avaliação comparativa. Nesse sentido, se a informação não se combina com suposições que o ouvinte/leitor já tem de mundo ou não reporta a nada com relação ao assunto, o esforço será maior.

Para o ouvinte/leitor, o esforço de processamento e os efeitos cognitivos da informação implicam diferentes graus de relevância. A maior ou menor relevância é feita através da construção e da manipulação das representações conceituais do enunciado. Em igualdade de condições, maior relevância é obtida com mais

efeitos cognitivos e menor esforço; menor relevância, com menos efeitos cognitivos e mais esforço de processamento. Porém, obtém-se maior relevância com maior esforço de processamento, se compensado por mais efeitos contextuais. Isso significa que se o foco de atenção do ouvinte/leitor é para os estímulos ostensivos, esses originam suposições ou implicaturas que afetam a construção de sentido de um enunciado.

No que diz respeito às implicaturas, diferente da proposta de Grice, SW baseiam-se, não necessariamente, no que é dito, mas em suposições que podem desencadear premissas e conclusões implicadas. Mais especificamente, o processamento cognitivo da informação com o contexto inicial forma implicaturas (novas suposições contextuais) por três efeitos possíveis: implicação contextual (integração da informação nova/antiga), fortalecimento ou enfraquecimento das suposições (nova informação determina maior evidência às informações antigas); apagamento de suposições contraditória (nova informação fornece evidência contra as antigas).

O primeiro efeito, a implicação contextual, resulta da combinação de informações velhas (C) com informações novas (P), a partir de regras analíticas e sintéticas. As analíticas, inerentes às suposições dadas e recuperadas junto à memória por operações do mecanismo dedutivo, auxiliam na construção de sentido de uma única suposição de *input*; já as sintéticas exploram a informação de modo mais completo por duas suposições de *input*. Sendo assim, uma implicação contextual Q nem sempre é inferida demonstrativamente por uma suposição P, ao supor um contexto {C}. Logicamente demonstrado por:

$$\begin{array}{l} C = P \rightarrow Q \\ P \\ \hline Q \end{array} \quad (1)$$

A inferência não demonstrativa Q supõe crenças não derivadas das premissas, mas inferidas. E mais, todas as suposições acerca do conteúdo devem ser consideradas como um conjunto de suposições suficientemente relevante.

No segundo tipo de efeito, não há necessariamente de se ter um dado novo, mas diferentes graus de força. Na possibilidade de tantos contextos, a cognição humana seleciona o melhor contexto por relevância pelo fortalecimento ou enfraquecimento das suposições já existentes por: *input* perceptual (visual, auditivo, olfativo, tátil, etc.); *input* linguístico (decodificação linguística); ativação de suposições estocadas na memória (conhecimento enciclopédico), e deduções que derivam suposições adicionais.

O terceiro caso ocorre, quando existem duas suposições contraditórias. A mais fraca (com menos evidência) é eliminada, porque sua referência está distante. Certamente, são mantidas aquelas suposições fortalecidas por evidência sensória.

3.3 A seleção do melhor contexto

O contexto é um construto psicológico guiado pela busca de relevância no processamento da informação. Ele é construído por um conjunto de suposições sobre o mundo no curso da interpretação do enunciado, tendo como elementos básicos o *dito* (decodificado linguisticamente) e o *implícado* (inferencialmente construído), os quais equivalem a *dizer/sugerir*, respectivamente.

A distinção entre o dito e o implícado, bem como um nível intermediário de conteúdo (explicaturas), é possibilitada pela noção de relevância por três níveis representacionais: o nível da forma lógica, dependente da codificação linguística; o nível da explicatura, forma lógica desenvolvida por processos inferenciais de natureza pragmática, e o nível da implicatura que é parte da explicatura para a construção de inferências pragmáticas. De outro modo, a explicatura é uma combinação de traços codificados linguisticamente e de

traços conceituais inferidos contextualmente. Conforme Brown (2009), a explicatura é a tentativa do leitor de identificar a forma proposicional do enunciado. Quanto maior a contribuição do contexto, mais explícita será a explicatura. Nesse nível, acontecem o contexto físico observável e o conhecimento enciclopédico - necessários à interpretação pragmática dos traços relevantes.

Como parte do processo de construção de sentido, a determinação do melhor contexto se dá por um nível de relevância ótimo. Isso acontece porque o indivíduo direciona sua atenção para um conjunto de estímulos ou suposições e não para outro. Segundo SW, mesmo que os indivíduos de uma língua tenham muitos elementos em comum, existem contextos internos, porções ativadas do ambiente cognitivo, que podem não ser o mesmo de uma pessoa para outra. Em decorrência disso, em circunstâncias específicas, dependendo do ambiente cognitivo do indivíduo, alguns fenômenos têm mais probabilidade de chamar a atenção do que outros.

Depreende-se daí que, no momento em que o ouvinte/leitor reconhece a intenção do comunicador e confirma as suposições por relevância, constrói as melhores hipóteses interpretativas. Pela leitura das palavras do texto (estímulos ostensivos) e atribuição de significado a elas, o ouvinte/leitor lhes dá sentido e forma contextos. Contexto que não é previamente fixado, mas se forma pela escolha de suposições adequadas à construção de sentido por contextos mais acessíveis (contexto inicial), menos acessíveis (mais de um contexto menor) e contexto máximo (esforço maior devido à necessidade de memorizar e organizar estruturas conceituais).

Como já dito, a seleção do melhor contexto não é feita aleatoriamente, mas por relevância, nas primeiras palavras do enunciado, através de pistas textuais e entradas lexicais (estímulos ostensivos) que direcionam a construção de sentido através do significado. Tão logo o estímulo ostensivo vai se tornando relevante (compreensível), o ouvinte/leitor

acessa o significado por meio de conceitos, com entradas de natureza lógico-computacional, enciclopédica e lexical, ou seja, o significado das informações textuais combina os processos semânticos (gramaticais/linguísticos) e pragmáticos (inferenciais) com o conhecimento prévio de mundo dos leitores.

4 O princípio da relevância e a textualidade

A interação comunicativa é uma forma racional de construção de

sentido, quando seus interlocutores compartilham do mesmo significado dos fatos no ato comunicativo. Sob esse olhar, consideraremos o texto (quadro 1) como relevante, porque sua leitura possibilita decodificar a mensagem que julgamos ser um estímulo ostensivo para o leitor, mesmo que o texto não seja alfabético (constituído somente de letras). Tão logo o leitor *puxe o fio da meada* na leitura (quadro 2), ele será capaz de estabelecer relações com o que já sabe, rever o que já conhece e formular novas hipóteses (SOLE, 1998; STREY, 2012).

3MD14 D3 V3R40, 3574V4 N4 PR414, 0853RV4ND0 DU45 CR14NC45 8R1NC4ND0
N4 4R314. 3L45 7R484LH4V4M MU170 CON57RU1ND0 UM C4573L0 D3 4R314, COM
70RR35, P4554R3L45 3 P4554G3NS 1N73RN45. QU4ND0 3575V4M QU453 4C484ND0, V310
UM4 0ND4 3 D357RU1U 7UD0, R3DU21ND0 0 C4573L0 4 UM M0N73 D3 4R314 3 35PUM4.
4CH31 QU3, D3P015 D3 74N70 35F0RC0 3 CUI1D4D0, 45 CR14NC45 C41R14M
N0 CH0R0, M45 C0RR3R4M P3L4 PR414, FUG1ND0 D4 4GU4, R1ND0 D3 M405 D4D45 3
COM3Ç4R4M 4 CON57RU1R 0U7R0 C4573L0. COMPR33ND1 QU3 H4V14 4PR3ND1D0 UM4
GR4ND3 L1C40; G4574M0S MU170 73MP0 D4 N0554 V1D4 C0N57U1ND0 4LGUM4 C015A 3,
M415 C3D0 OU M415 74RD3, UM4 0ND4 P0D3R4 V1R 3 D357RU1R 7UD0 O QU3 L3V4M0S
74N70 73MP0 P4R4 CON57RU1R, M45, QU4ND0 1550 4CON73C3R, 50M3N73 4QU3L3 QU3
73M 45 M405 D3 4LGU3M P4R4 53GURAR, 53R4 C4P42 D3 50RR1R! S0 0 QU3 P3RM4N3C3
3 4 4M124D3, 0 4M0R 3 C4R1NH0.
O R3570 3 F3170 D3 4R314.

Quadro 1 - Texto com letras e números
Fonte: EM DIA... (2006).

Após a decodificação, por entradas lógicas, temos o que é dito:

Em dia de verão (estação do ano), (eu, autor) estava na praia, observando duas crianças (meninos/meninas, casal) brincando na areia. Elas (crianças) trabalhavam (se empenhavam) muito construindo um castelo de areia, com torres, passarelas e passagens internas (túneis). Quando estavam quase acabando, veio uma onda (do mar) e destruiu tudo (castelo de areia), reduzindo o castelo num monte de areia e espuma.

Achei que, depois de tanto esforço e cuidado, as crianças cairiam no choro (lágrimas e soluços), mas correram pela praia, fugindo da água, rindo de mãos dadas e começaram a construir outro castelo (de areia). Compreendi que havia aprendido uma grande lição (ensinamento), gastamos muito tempo da nossa vida construindo alguma coisa (coisa material) e, mais cedo ou mais tarde (num determinado período da vida), uma onda (uma dificuldade) poderá vir e destruir tudo (coisa material, sonhos) o que levamos tanto tempo para construir, mas, quando isso acontecer, somente aquele que tem as mãos (o apoio) de alguém para segurar (dar suporte, aconselhar), será capaz de sorrir (ser feliz, ter paz)! Só o que permanece é a amizade, o amor e o carinho.

O resto é feito de areia (instável).

Quadro 2 - Decodificação do texto quadro 1
Fonte: A autora (2011).

E ainda, se o objetivo da leitura do enunciado do quadro 1 for claro, o alto custo, produzido pela mistura de letras e números no processamento da leitura, será compensado com altos efeitos cognitivos.

Desse modo, o leitor capta o significado das palavras, enriquece as frases no nível explícito, completando-as no nível implícito. Por um caminho de diferentes graus de esforço no processamento das informações, ele realiza inferências através de conceitos que dão acesso à informação por entradas: lógica-computacional, enciclopédica e lexical. Em decorrência disso, ele constrói sentido ao enunciado, desencadeando um processo inferencial pela utilização do mecanismo dedutivo, para que o processo global de compreensão aconteça.

4.1 Mecanismo dedutivo humano

O processamento da informação no mecanismo dedutivo ocorre antes da formulação de hipóteses interpretativas. Nesse momento, a informação é processada por um sistema de regras únicas chamadas de regras de eliminação, *modus ponens* (1) e tipo 'e' ('&') (3), as quais podem ser aplicadas e demonstradas em linguagem natural. Na TR, as regras de eliminação são interpretativas, o que restringe a formulação de hipóteses apenas ao que é relevante para a interpretação. Assim, as regras dedutivas de introdução do 'ou' ficam fora de análise; pois geram infinitudes de proposições sem objetivo conversacional.

Para ilustrar o que foi dito, aplica-se o primeiro tipo de regras de eliminação, *modus ponens*, na primeira palavra do enunciado. Dessa maneira, obtém-se o significado da palavra para construir o contexto inicial.

- A- Se [3M] é palavra; [3] implica [E]. ($P \rightarrow Q$)
 B- na palavra [3M] (P) (2)
 C- [3] é [E] (Q)

O segundo tipo de regra de eliminação está com a conjunção 'e' ('&') ilustrada no exemplo A. As duas proposições estão unidas pela conjunção 'e', porém uma delas, ao ser eliminada, torna verdadeira as proposições separadamente.

- A- As crianças fogem da água e correm pela praia. (P & Q) (3)

Assim, se eliminarmos “correm pela praia”, temos a proposição:

- Logo, as crianças fogem da água. (P)

Um segundo sistema de regras é realizado pelo sistema dedutivo humano. As informações na memória são acessadas pela entrada enciclopédica que está ligada a um conceito. Sobre a extensão ou a denotação do conceito, são consideradas hipóteses interpretativas (desambiguações, suposições contextuais, implicaturas, etc.) para acontecer a produção do significado. No enunciado em questão, por exemplo, para que o *input* visual [3M] seja compreendido, precisa ser traduzido para a linguagem do pensamento pelos sistemas centrais do cérebro. Da mesma maneira, esse tipo de operacionalização acontece com as demais palavras do enunciado, produzindo efeitos cognitivos.

A busca por significado não se restringe somente às entradas lógica e enciclopédica, mas, também, à lexical. O léxico contém informações sintáticas e fonológicas que possibilitam a identificação da palavra ou da frase expressa num conceito. Um exemplo de instanciação de conceito pode ser encontrado na palavra *verão*, do primeiro parágrafo. Com a formação do contexto inicial, elimina-se a possibilidade de leitura da palavra *verão*, enquanto verbo. De forma contrária, no segundo parágrafo do enunciado, a palavra *choro* exclui a representação do significado da entrada lexical verbal, mas aceita a substantiva. Realização que se

dá na distinção sintática e fonológica das palavras, ao se construir o sentido das frases ao longo do texto.

Até agora, vimos que um conceito é uma espécie de rótulo que acessa as informações por entradas de natureza lógico-computacional, enciclopédica e lexical. Então, o sistema leva a produção do sentido das frases por inferências espontâneas com possibilidade de conclusões não triviais. São conclusões deduzidas automaticamente, porque, previamente, há a formação de hipóteses que favorece o processamento de suposições por meio de conceitos.

Para exemplificar como acontece o processamento cognitivo por relevância, no texto com letras e números, retoma-se o que ocorre na comunicação humana, ao hipotetizarmos a existência de dois tipos possíveis de leitores, doravante chamados de A e B.

A - Indivíduo que conhece o mar;
B - Indivíduo que não conhece o mar.

O leitor A é um indivíduo familiarizado com o ambiente praiano que, provavelmente, obterá informações sobre o texto, a partir de suposições (pensamentos representativos do mundo real) que registrem conclusões implicadas (CI), como:

Para o primeiro parágrafo:

- S1- No verão, as crianças brincam com a areia da praia. (4)
S2- As crianças constroem castelos com a areia da praia.
S3- As ondas do mar chegam à beira da praia.
S4- As ondas destroem os castelos de areia na beira da praia.
S5- Os castelos de areia tornam-se um monte de areia e espuma.

(CI) Os castelos de areia são estruturas frágeis na beira da praia. (5)

É importante observar que, na segunda parte do enunciado, a conjunção *mas* gera uma implicatura convencional, indicando que, embora fosse esperado que as crianças caíssem no choro, isso não aconteceu. Assim, após a destruição/perda do primeiro castelo, temos no segundo parágrafo:

- S6- As ondas destroem os castelos de areia. (6)
S7- As crianças veem os castelos destruídos.
S8- As crianças correm pela praia.
S9- As crianças riem de mãos dadas.

(CI) As crianças superam as perdas na companhia dos amigos. (7)

Ainda, no segundo parágrafo, o autor reflete sobre a reação dos adultos em situações semelhantes a das crianças, quando ocorre perda/destruição:

- S10- O autor é adulto. (8)
S11- Os adultos gastam tempo construindo coisas.
S12- Algo construído é passível de destruição.
S13- A destruição gera dificuldade para os adultos.
S14- A dificuldade aparece na vida dos adultos a qualquer momento.
S15- Nesse momento, os adultos precisam de alguém para ajudá-los.
S16- Os adultos que têm amigos são capazes de sorrir.
S17- Para sorrir, os adultos precisam de amizade, amor e carinho.

(CI) Os adultos com amigos são felizes. (9)

Na segunda parte do enunciado, as suposições levam à implicatura de que se os adultos tivessem carinho, amizade e amor, conseguiriam suportar as adversidades da vida com mais tranquilidade, sendo felizes, a exemplo do que acontece com as crianças. Certamente, as inferências feitas são de que esses sentimentos, quando compartilhados com os amigos, são essenciais nos momentos de dificuldades.

Em suma, a partir de um conjunto de suposições manifesto ao ouvinte/leitor, a comunicação se realiza por meio da relevância, gerando efeitos cognitivos. Por isso, tais suposições podem ser consideradas *premissas implicadas (PI)* e *conclusões implicadas (CI)* por relevância, pois são obtidas de várias fontes do conhecimento de mundo e da memória enciclopédica. Assim, o ouvinte/leitor que tem em seu ambiente cognitivo o conhecimento prévio para construir inferências, semelhantes às aquelas apresentadas, reconhece a intenção informativa do falante/escritor.

Para o leitor B, indivíduo que não conhece o mar, a construção das *premissas* e *conclusões implicadas* acontece por um caminho diferente do leitor A. No ambiente cognitivo de B, não há informações sobre praia em dia de verão nem mesmo crianças que constroem castelos de areia que são levados pelas ondas, quando essas chegam à beira da praia. Porém, por certo esforço cognitivo, ele é capaz de utilizar uma infinidade de outras suposições que participam de cálculos inferenciais, os quais conduzem à implicatura pretendida. Assim, possíveis dificuldades de construção de sentido do enunciado são solucionadas por suposições do tipo:

- S1- Há areia na beira da praia. (10)
- S2- As crianças constroem castelos na beira da praia.
- S3- Os castelos na beira da praia são feitos de areia.

- (PI) As crianças brincam com areia na beira da praia. (11)
- (CI) As crianças brincam de castelos de areia na beira da praia. (12)

No caso do leitor B, se não fosse possível uma conclusão implicada por relevância (12), haveria uma falha na comunicação. Segundo os autores da TR, num ato comunicativo, não há garantia de que todas as informações sejam mutuamente manifestas por todos

os participantes. Consequentemente, a relevância em SW deixa de ser aquilo que parece ser mais oportuno ou pertinente, como pretendia Grice, mas a relação entre os efeitos cognitivos e o esforço de processamento do significado das palavras com as quais os interlocutores estão envolvidos num contexto comunicativo.

Ao ler e tentar construir sentido para o enunciado, o leitor B, mesmo não conhecendo uma praia pessoalmente, relembra situações que ocorreram em sua vida, criando suposições por implicação contextual. Ele é capaz de incorporar novas suposições (implicaturas) resultantes de informações provindas da memória enciclopédica. Nessa perspectiva, o significado do *input* 'onda' pode ser interpretado da seguinte forma:

...veio uma "onda" e destruiu tudo, reduzindo o castelo a um monte de areia. (13)

Interpretação 1 (sentido literal/denotativo)

- S1- Movimento do mar implica em onda. (14)
- S2- A onda pode ser forte.
- S3- Uma onda forte destrói o que tem na beira da praia.

As suposições (S1, S2, e S3) estão no ambiente cognitivo do leitor B. Elas se constituem num conjunto de suposições velhas ativadas pela memória enciclopédica. A suposição P (13), contextualizada em C (14), resulta na implicação contextual Q (15):

- I- O mar destruiu o castelo na beira da praia. (15)

Mais especificamente, pelas suposições (processadas e acrescentadas) e pelas entradas enciclopédicas (conceitos) presentes no contexto, o leitor B consegue um contexto inicial (premissas originais) e as modifica ao longo da construção de sentido do enunciado. A força dessas suposições resulta no segundo efeito. Nesse caso, não há necessariamente a obtenção de um dado

novo, mas diferentes graus de força. Como dito anteriormente, a cognição humana seleciona o melhor contexto por relevância através do *input* perceptual, *input* linguístico, ativação de suposições já organizadas na memória e deduções.

Para exemplificar as quatro formas de suposições acima, considere o leitor B que, recentemente, assistiu a um documentário na televisão. Em seu ambiente cognitivo, registram-se cenas de ondas de mar que, por serem fortes e grandes, destroem o que encontram pela frente. Isso se constitui em *input visual*, confirmando o *input linguístico*, que fortalece a conclusão implicada em (15). As suposições em (14) são fortalecidas pela *ativação* de informações que fazem parte do conjunto de conhecimentos enciclopédicos, previamente registrados, como: mar, onda, areia, crianças, castelos de areia e outros. E mais, a última possibilidade de fortalecimento de suposições pode ser realizada por *deduções* (suposições adicionais). Pela interpretação do significado da proposição (13), surgem suposições em (16) que, por estarem estocadas na memória, podem deduzir a mesma implicatura de (15):

Interpretação 2 (sentido literal/denotativo)

S1- As crianças constroem castelos de areia perto do mar. (16)

S2- As águas do mar chegam até as crianças.

S3- As ondas do mar destroem os castelos de areia.

O terceiro modo de efeito cognitivo ocorre entre duas suposições contraditórias. A suposição para a qual se tem menos evidência (mais fraca) é eliminada. Como exemplo a palavra *onda*, do primeiro parágrafo, o significado das palavras próximas fortalece a resposta direta em relação aos contextos de sentido literal. Isso é determinado pelas informações de significado da memória do mecanismo dedutivo, da memória de

curto prazo, da memória enciclopédica e do ambiente físico (capturadas pelos sentidos).

Em contraponto, a representação (entrada enciclopédica ligada a um conceito) do significado da palavra *onda* do segundo parágrafo sugere em (17) a seguinte análise:

...uma *onda* poderá vir e reduzir e destruir tudo o que... (17)

Interpretação 1 (sentido conotativo)

S1- Se *onda* é dificuldade na vida. (18)

S2- A dificuldade pode estar presente na vida dos adultos.

S3- Os adultos precisam de ajuda nos momentos difíceis.

I- Os amigos ajudam os adultos a superarem suas dificuldades. (19)

Na memória, as entradas conceituais apresentam suposições de dois tipos: factuais (crenças, desejos) e factuais básicas (descrições verdadeiras do mundo). Assim, uma representação de mundo é adequada pelo grau de confiança depositado às suposições.

Nas suposições (S1, S2 e S3) em (18), a segunda entrada lexical *onda* elimina o seu sentido literal. Assim, as suposições contradizem a representação conceitual de *movimento do mar*, evidenciando, por inferências, a entrada lexical *dificuldade*. Na construção de sentido do enunciado em questão, diferente do que acontece com as crianças, se os adultos tivessem amigos superariam as perdas/destruições/dificuldades com mais tranquilidade. Nesse sentido, o conjunto de suposições do *input* linguístico de (17) é mais forte, o que elimina o conjunto de suposições em (14). Dessa maneira, a análise do significado das entradas em (13) e (17) é possível pela seleção do melhor contexto por premissas e conclusões implicadas.

Tudo isso acontece porque as premissas, presentes no processo dedutivo da memória, norteiam o contexto geral

que pode ser estendido e/ou retornado no tempo, para adicionar suposições usadas ou derivadas em processos dedutivos prévios.

4.2 O contexto

Ao longo da leitura e compreensão de um enunciado, o melhor contexto não é formado somente do significado literal das palavras textuais, mas, também, a partir do que delas é implicado. Pelo esforço cognitivo, um conjunto particular de contextos é disponibilizado para que o significado das palavras seja otimamente processado.

No primeiro parágrafo do texto, as entradas lexicais *dia de verão, praia, duas crianças, brincar, areia, castelos de areia, onda* dão início aos primeiros contextos, caracterizando-se como os mais acessíveis. A sentença "...veio uma onda e destruiu tudo..." direciona a atenção do leitor para *onda* como *movimento do mar*, reafirmando o contexto praia.

Porém, no segundo parágrafo, a conjunção *mas* provoca uma ruptura no contexto que estava se formando, deixando de ser uma interpretação literal para assumir uma interpretação conotativa, baseada na observação reflexiva do autor. A partir dos relatos do autor, o leitor parte para o contexto máximo que aparece com a palavra *onda* em (17). Enquanto sentido implícito, ela se torna uma pista que desencadeia um processo inferencial que leva à comparação da maneira de lidar dos adultos (em geral) a das crianças em situações de dificuldade/perda/destruição.

De forma mais específica, para reafirmar o conteúdo implícito do contexto máximo, temos o sintagma *os castelos de areia* que implica sonhos. Por inferência, forma-se um contexto de não realização de metas ou tempo gasto em vão para alcançá-las. Infere-se, também, que as entradas lexicais *onda, mãos, e sorrir* estão relacionadas a dificuldades presentes na vida de um adulto e somente a presença física de um amigo pode superar

dificuldades. E mais, a construção de sentido se completa pelas entradas lexicais *amizade, amor e carinho* que implicam valores afetivos em detrimento dos valores materiais, provavelmente, representados pelos números.

É importante ressaltar que nem sempre o indivíduo consegue selecionar o melhor contexto. Em muitas situações, o contexto mínimo não é suficiente para o início da construção de sentido, pois é restringido por fatores como: organização da memória enciclopédica, habilidades perceptuais e cognitivas e processamento cognitivo naquele momento. Isso torna necessário um maior esforço na extensão do contexto em busca da relevância, resultando na dificuldade de construção de sentido do enunciado. Em suma, reafirma-se que a seleção do melhor contexto é feita por raciocínio que permite maior número possível de efeitos cognitivos com o mínimo de energia gasta.

5 Considerações finais

Alguns estudos linguísticos associados à filosofia tiveram relevância no meio científico no século XX. No campo dos estudos pragmáticos, destacamos a influência da Teoria da Relevância (TR) de Sperber e Wilson (1986/1995) que, pelo caráter explicativo e social, provocou mudanças importantes nas pesquisas sobre linguagem. Uma possibilidade de se compreender mais como acontecem os mecanismos que regem a comunicação e facilitam a interpretação de enunciados linguísticos.

Através do estudo da TR, ao longo deste trabalho, a questão do significado no texto codificado com letras e números tem como referência a análise de suposições e inferências na interface semântico/pragmática. A semântica se refere a processos gramaticais e à representação do que é *dito*, enquanto, a pragmática, à representação semântica das frases juntamente com a construção de sentido

por processos inferenciais. Nesse caso, a compreensão do significado passa por processos inferenciais e pela maximização da eficiência cognitiva por meio da relevância.

Em relação à análise feita, pelo processamento cognitivo dos leitores A e B, confirma-se a construção de sentido do enunciado ao se exemplificar contribuições dedutivo-inferenciais. Esses leitores constroem sentido por um conjunto de entradas enciclopédicas (formação de hipóteses), de dedução (confirmação ou rejeição das hipóteses) e de conceitos (informações novas e antigas) que podem resultar em premissas e conclusões implicadas. Com maior ou menor esforço cognitivo, os leitores são capazes de formar o melhor contexto, dentre todos os acessíveis, de forma automática, mesmo que o texto seja codificado por letras e números (estímulos ostensivos). Se as suposições realizadas não reportam às informações vivenciadas, o esforço será maior, porém com a possibilidade de construção de suposições e inferências para chegar a conclusões por meio da relevância. Isso corrobora a ideia de Sperber e Wilson (1995) de que a mente humana não é guiada pelo maior benefício, mas pelo menor custo de processamento, a partir de um processo ostensivo e inferencial.

Por fim, para que a proposta de análise de construção de sentido, desenvolvida neste estudo, se fortaleça numa posição investigativa, espera-se que o leitor possa perceber o caráter conciliatório da TR, ultrapassando os limites deste artigo. Em outras palavras, espera-se que o leitor possa conhecer como acontecem os processos cognitivos na construção de sentido de enunciados e saber como lidar com problemas concretos, individuais e sociais do uso da linguagem, bem como, descobrir razões didático-pedagógicas para a investigação e aplicação da TR em diversas áreas do conhecimento. Assim, enquanto ciência da cognição humana, a TR poderá ser

entendida como uma ferramenta útil e eficiente a práticas centradas nos atos de comunicação em nível de interface semântico/pragmática.

Referências

BROWN, S. C. Inferências e manchetes de jornal: as eleições de Obama nos Estados Unidos. In: COSTA, J. C. (Org.). **Inferências linguísticas nas interfaces**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

CARTONI, D. M. Anuário da Produção Acadêmica Docente. v. 3, n. 5, 2009. **Ciência e conhecimento científico**. Disponível em: <sare.anhanguera.com/index.php/anudo/article/download/1586/746>. Acesso em: 12 jan. 2012.

CHAVES, J. Explorando uma interface entre a escritura e a consciência. **Letrônica**, v. 3, n. 2, p. 29-38, dez./2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/7303/5923>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

COSTA, J. C. da. **A relevância da pragmática na pragmática da relevância: a lógica não-trivial da linguagem natural**. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=3spPLfRcwUMC&pg=PA118&lpg=#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

_____. **Filosofia da linguística, filosofia da ciência e metateoria das interfaces**. 2007. Disponível em: <http://www.jcamposc.com.br/textos_disciplinas/filosofia_da_linguistica-filosofia_da_ciencia_e_metateoria_das_interfaces.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.

- _____. Relevância, *kluges*, emoções: reflexões provocativas. In: COSTA, J. C.; RAUEN, F. J. (Orgs.). **Tópicos em teoria da relevância**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2008. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/67427841/Topicos-em-Teoria-da-Relevancia-Jorge-Campos-Fabio-Jose-Rauen>>. Acesso em: 20 jan. 2012.
- _____; FELTES, H. P. M. Filosofia da Linguística, filosofia da Ciência e os pressupostos para a construção de uma metateoria das interfaces. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B.; DIEB, M. (Orgs.). **Seminários linguísticos: discurso, análise linguística, ensino e pesquisa**. Mossoró: Edições UERN, 2010.
- EM DIA de verão... Disponível em: <[zh.clicrbs.com.br.GLOBALTECH 3](http://zh.clicrbs.com.br/GLOBALTECH3)>. Acesso em: 15 set. 2006.
- GRICE, H.P. Meaning. **The Philosophical Review**, v. 66, n. 3, p. 377-388, Jul. 1957. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0031-8108%28195707%2966%3A3%3C377%3AM%3E2.0.CO%3B2-P>>. Acesso em: 20 dez. 2011.
- _____. Logic and Conversation. 1967. In: COLE et al. **Syntax and Semantics 3: Speech arts**. Oxford: Elsevier, 1975. p. 41-58. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6450248/Grice-Logic-and-Conversation>>. Acesso em: 20 dez. 2011.
- KUHN, T. **The structure of scientific revolutions**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago, 1962. v. 2, n. 2. Disponível em: <<http://seabedhabitats.org/research/kuhn-1962/>>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- MATTOSO CÂMARA, J. A língua como fato histórico. In: _____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~pead/tema05/ponto20.html>>. Acesso em: 03 mar. 2012.
- MONTAGUE, R. **Formal Philosophy**. New Haven: Yale University Press. 1974.
- NAZÁRIO, M. L. Estudo pragmático: a Teoria da Relevância no processo comunicativo **REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG**, v. 3, n. 2, Inhumas, out. 2011. Disponível em: <www.ueg.inhumas.com/revelli>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SILVEIRA, J. R. C.; FELTES, H. P. M. **Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância e outros ensaios**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance: communication and cognition**. 2. ed. Oxford, UK: Blackwell Publishers, 1995.
- STREY, C. O objetivo de leitura em uma interface psicolinguística-pragmática. **Trabalho de Linguística Aplicada**, v. 51, n. 1, Campinas, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010318132012000100011&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 03 mar. 2012.

